



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

ERROMENÊUTICA

Marcos Roberto Inhauser

Era mais ou menos umas onze e meia da noite. Minha esposa e eu estávamos esperando a balsa para fazer a travessia de Santos ao Guarujá. Liguei o rádio e me deparei com uma rádio “evangélica” (provavelmente pirata) e um pregador empolgado que jorrava jargões batidos de uma religiosidade infantil.

A certa altura ele disse que ia explicar um texto de Daniel (todo um capítulo). Logo após anunciar qual seria o texto, começou a pedir que algum ouvinte ligasse para a rádio para fazer a leitura do texto para ele. Tocou uma música e ninguém ligou. Com seu tom empolgado pediu que um “corajudo” saísse da cama para ler o texto que ele iria explicar. Outra música e nada. Novo apelo e ninguém atendeu. O pregador, então, disse que ele mesmo leria já que não havia ninguém disposto a ler a Palavra de Deus àquela hora da noite. E lá foi ele, tropeçando, gaguejando, pulando sílabas, invertendo acentos. Quando, depois de vários tombos chegou a versículo 5, de um capítulo que devia ter uns 30, ele disse que o que ele tinha lido já era suficiente para que pudesse explicar todo o trecho. E lá foi ele dizendo coisas que nada tinham a ver com o que o texto dizia, afirmando coisas que o texto não afirmava, e ensinando o que bem queria.

O fato não é único. Ele se repete aos montes. Em uma religiosidade calcada na interpretação de escritos sagrados, o mínimo que se espera dos pregadores é que saibam interpretar o que leem (a isto se chama hermenêutica), aplicando regras mínimas de gramática e algum conhecimento histórico sobre o contexto em que os textos foram produzidos.

É alarmante a quantidade de gente que não consegue entender o que lê, nem nos textos sagrados (que tem toda uma história a ser levada em conta) e nem mesmo nos escritos modernos. Como colunista, a cada pouco recebo e-mail de alguém me criticando, alegando que disse o que não disse ou imaginando que teria dito o que ele acha que eu diria. Um exemplo é quando, ao criticar o Bush pelo ataque ao Afeganistão e ao Iraque, a pessoa acha que apoio o Bin Laden. Outro exemplo é confundir as catástrofes climáticas decorrentes do aquecimento global com os tsunamis e os terremotos que nada têm com a ação humana.

Isto é “erromenêutica”.